

Edição v. 43
número 2 / 2024

Contracampo e-ISSN 2238-2577
Niterói (RJ), 43 (2)
mai/2024-ago/2024

A Revista Contracampo é uma revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense e tem como objetivo contribuir para a reflexão crítica em torno do campo midiático, atuando como espaço de circulação da pesquisa e do pensamento acadêmico.

TEMÁTICA LIVRE

Sentidos preferenciais e mediações culturais: relevância das instituições família, trabalho e religião na recepção de narrativas jornalísticas

Preferred meanings and cultural mediations: relevance of family, work, and religion institutions in the reception of journalistic contents

KÉRLEY WINQUES

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) – Juiz de Fora, Minas Gerais, Brasil.
E-mail: ker.winqes@gmail.com
ORCID: 0000-0001-7571-281X

HENDRYO ANDERSON ANDRÉ

Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) – Ponta Grossa, Paraná, Brasil.
E-mail: hendryoandre@gmail.com
ORCID: 0000-0002-2357-9743

AO CITAR ESTE ARTIGO, UTILIZE A SEGUINTE REFERÊNCIA:

WINQUES, Kérley; ANDRÉ, Hendryo Anderson. Sentidos preferenciais e mediações culturais: relevância das instituições família, trabalho e religião na recepção de narrativas jornalísticas. **Contracampo**, Niterói, v. 43, n. 2, p. 01-17, maio/ago. 2024.

Submissão em: 13/08/2023. Revisor A: 03/01/2024; Revisor B: 25/03/2024. Aceite em: 05/06/2024.

DOI – <http://dx.doi.org/10.22409/contracampo.v43i2.59541>

Resumo

Fruto de duas teses, o artigo visa compreender a força das instituições família, trabalho e religião na identificação de sentidos preferenciais — enquadramentos que o leitor usa para se vincular a uma mensagem — na recepção de narrativas jornalísticas. De fragmentos biográficos — memórias acionadas durante a aplicação de entrevistas em profundidade — extraídos de uma questão sobre história de vida, coincidente nas duas teses, discute-se a relevância das três instituições no cotidiano de 34 participantes. Os resultados apontam que essas comunidades de referência são identificadas já nas histórias de vida por: a) associação espontânea; b) associação estimulada; c) dissociação espontânea; e d) dissociação estimulada. Mediante tais categorias é possível identificar bases constituintes das mediações culturais, dimensões nas quais os sentidos se originam e se constituem via consumo midiático.

Palavras-chaves

Recepção; Sentidos preferenciais; Mediações culturais; Histórias de vida; Jornalismo.

Abstract

This article, stemming from two doctoral theses, aims to comprehend the influence of the family, work, and religion institutions in the identification of preferential meanings—frames that readers employ to connect with a message—in the reception of journalistic narratives. Drawing from biographical fragments—memories triggered during in-depth interviews—gathered through a common life history question in both theses, the relevance of these three institutions in the daily lives of 34 participants is discussed. The results indicate that these reference communities are identified in life stories through: a) spontaneous association; b) stimulated association; c) spontaneous dissociation; and d) stimulated dissociation. Through these analytical categories, it possible to identify the foundations of cultural mediations, dimensions in which meanings originate and are shaped through media consumption.

Keywords

Reception; Preferred meanings; Cultural mediations; Life histories; Journalism.

Introdução

Experiências de recepção midiática abarcam diversas angulações. Combinadas, elas contemplam desde o acesso e o tipo de mídia até os repertórios e referentes culturais do público. Esse conjunto de *múltiplas mediações* (Gómez, 2005) auxilia na própria formação dos públicos e no modo como os sentidos são produzidos. Na recepção de produtos midiáticos — dispositivos que ampliam as capacidades sensoriais e, por consequência, a complexidade do mundo —, observa-se que os meios de comunicação dialogam dialeticamente com o contexto ao qual os indivíduos estão imersos.

Ao propor que as histórias de vida são lentes para esboçar *mediações culturais*, dimensões nas quais os sentidos se originam e se constituem via consumo midiático (Jacks, 1999; Hall, 2003), o texto visa compreender a força das instituições família, trabalho e religião na identificação de *sentidos preferenciais*, lentes de enquadramento que o leitor usa para se vincular a uma mensagem qualquer.

O artigo é fruto de diálogo entre duas pesquisas de recepção de matriz sociocultural (André, 2018; Winques, 2020). No texto há confrontações entre os resultados de 34 entrevistas em profundidade aplicadas nos estudos (18 na primeira e 16 na segunda, o que ultrapassa 40 horas de material bruto), a partir de uma questão-chave que serviu de aporte para ambos: “se tivesse que contar sua história de vida, sobre quem é desde as suas primeiras lembranças até o momento desta entrevista, o que deveríamos saber?”¹

Embora na primeira pesquisa (André, 2018) o recorte dos participantes tenha sido estabelecido a partir de dois noticiários criminais televisivos (Balanço Geral, RICTV Record, e Tribuna da Massa, Rede Massa/SBT) e, na segunda (Winques, 2020), a partir de professores vinculados ao Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná (APP-Sindicato) e evangélicos neopentecostais da Igreja Universal do Reino de Deus que usam plataformas digitais (Google, Facebook, WhatsApp etc.) como principal meio de consumo jornalístico em redes online,² observa-se, nas duas teses, que instituições como família, trabalho e religião estão arraigadas já na própria percepção que os entrevistados têm de si.

Essa similaridade pôde ser verificada empiricamente a partir de *fragmentos biográficos* — lembranças potencial e racionalmente acessíveis durante as entrevistas em profundidade — encontrados nos dois estudos e que foram organizados analiticamente em quatro tipos: a) *associação espontânea*, quando determinada instituição social foi trazida ao discurso diretamente pelos entrevistados; b) *associação estimulada*, quando foi reconhecida a partir da intervenção dos pesquisadores; c) *dissociação espontânea*, quando foi preterida diretamente pelos entrevistados; e d) *dissociação estimulada*, quando foi rejeitada mesmo a partir da intervenção dos pesquisadores. Esses marcadores orientam as interpretações sobre a relevância das comunidades de referência na recepção midiática. Nessa linha, este trabalho busca trazer apontamentos metodológicos que possam possibilitar o encontro, em diferentes pesquisas de recepção, de significados sedimentados na cultura que, por sua vez, interferem na relação das pessoas com os meios.

Para consolidar a reflexão, primeiro, há uma discussão para avaliar a força das comunidades de referência (Jacks, 1999; Gómez, 2005) como um proeminente tipo de mediação. O debate é permeado em torno de como os fragmentos biográficos são acionados pela memória a partir da família, do trabalho e da religião. Após a apresentação de cada uma das duas pesquisas e da parametrização metodológica, discute-se as interferências das comunidades de referência na construção das histórias de vida dos 34 entrevistados.

1 A questão serviu no primeiro estudo como estratégia de aproximação. No segundo, além do engajamento com os entrevistados, já havia uma indicação de que haveria manifestações das comunidades de referência.

2 A descrição pormenorizada do direcionamento adotado e dos objetivos nas investigações que servem de referência para a construção deste artigo está explicitada no item *Procedimentos metodológicos*.

Os resultados apontam que família e trabalho aparecem nas duas pesquisas de maneira mais clara na associação espontânea de memórias e possuem vínculos mais densos com o consumo das narrativas jornalísticas estudadas nas duas investigações. Já a religião, apesar de precisar de uma associação estimulada nos relatos dos participantes e estar mais ligada a uma temporalidade social de memória mais recente, efetiva-se como uma mediação que auxilia nos sentidos preferenciais, especialmente no grupo dos evangélicos neopentecostais.

Fragmentos biográficos e comunidades de referência

Cada pessoa é protagonista da própria história e constrói ao longo da vida uma sequência de eventos que estabelece o que Goffman (2008) chama de *unicidade biográfica*, algo que impede que duas biografias sejam idênticas. No entanto, qualquer *fragmento biográfico*, termo aqui entendido como um tipo de lembrança potencial e conscientemente acessível, por ter gênese social, perpassa o outro. Isso possibilita que as histórias de vida, necessariamente articuladas a sistemas de identificação e representações sociais (Moscovici, 2015; Woodward, 2014), estejam vinculadas a eventos e experiências coletivas.

Instituições como família, trabalho e religião, embora não sejam as únicas, estão entre as mais pujantes *comunidades de referência*, uma força capaz de esboçar sentidos mais ou menos compartilhados, que, conjugadas, constituem-se nas mediações culturais, “o terreno no qual todas as informações se originam, onde o consumo se efetiva e o sentido é produzido” (Jacks, 1999, p. 57). No processo de recepção e, sobretudo, nas interações que o sujeito realiza com algum produto midiático, entram em jogo diversos referentes (Gómez, 2005). Ao visualizar um conjunto de notícias, por exemplo, uma pessoa pode confrontá-lo com sua própria personalidade e com outras comunidades de referência, acessíveis analógica e/ou digitalmente, como o território onde vive, a igreja que frequenta, o ambiente de trabalho, os vínculos formados de amizade. Logo, a competência cultural (Martín-Barbero, 2015) se constitui em torno do repertório que o indivíduo adquire durante sua existência.

Essas comunidades de referência passam, portanto, a constituir os modos de dar sentido ao mundo e às relações sociais. Com a massificação da sociedade iniciada, segundo Martín-Barbero (2015), na primeira metade do século XIX na Europa ocidental e consolidada pela amplificação do acesso aos meios de comunicação — inclusive, com descontinuidades em outras regiões do globo (Canclini, 2019) —, essas instituições ganharam mais organicidade. Os meios de comunicação, articulados ao campo da cultura, reforçaram e reconfiguraram percepções sobre família, trabalho e religião, ao passo que foram reforçados e reconfigurados por esses referentes.

Se tais instituições se rearranjam como comunidades de referência vinculadas à mídia, a lógica da recepção não pode se restringir ao instante do consumo. Deve, sim, fundir-se “com as práticas cotidianas dos receptores, ação na qual ganha sentido e significado, ou não, através da negociação com os significados propostos pela família, escola, religião, partido político, empresa, etc.” (Jacks, 1999, p. 57). Assim, um indivíduo deixa de ser visto como consumidor de supérfluos só “por estar exposto aos meios, resgatando-se nele, também, um espaço de produção cultural” (Guerin, 2000, p. 29).

Esses arranjos sedimentados na cultura demonstram, por si só, que nenhum produto midiático tem razão de existir se estiver desvinculado de outras comunidades de referência, ou seja, do campo da cultura que o precede e que é capital, antes da esfera econômica, para sua existência. Tais arranjos se organizam pela memória, um tipo de ação individual e coletiva (Bosi, 1994; Halbwachs, 2006), que aciona fragmentos biográficos de representações do passado. Sempre serão vestígios ancorados em representações sociais, afinal, o passado não pode ser acessado na íntegra.

Por ser uma articulação dialética de fragmentos biográficos de um passado traduzido em ações no presente, a memória pode ganhar novas conotações conforme passe o tempo do evento de referência

e/ou a própria situação contextual de reativação. Significa que um mesmo acontecimento decorrido pode produzir, em específicos espaços e tempos de mediação, diferentes sentidos. Isso explicaria a razão pela qual pessoas podem se recordar com certa nostalgia de eventos ruins e relatá-los, por vezes, em versões cômicas.

A existência de matrizes sob as quais as memórias se formulam é um elemento facilitador para a ativação de lembranças, o que viabiliza que os fragmentos biográficos estejam prontamente disponíveis. “No movimento da memória que trabalha, este esquema inicial serve de apoio para um processo laborioso que permite que a recordação pura atravesse distintos planos da consciência e se condense na forma de recordação-imagem, forma intermediária do processo” (Bonin, 2010, p. 6). A partir dessa ativação, constrói-se o reconhecimento de uma recordação. Para que isso se efetive, é preciso que o indivíduo faça uma espécie de abstração do presente, ou seja, acione as representações possíveis do fato pretérito — o que propicia atos de rememoração a partir de memórias que serão sempre uma visão ou uma narrativa “sobre” o passado, jamais este por excelência (John, 2014).

Falar sobre histórias de vida, logo, é encontrar coerência no que foi lembrado e escolhido para materializar a narração no acionamento da memória, uma operação que busca selecionar, constituir e salvaguardar acontecimentos do passado. Este processo “se integra em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades” (Pollack, 1989, p. 9).

Franco e Levin (2007) observam que a memória envolve uma gama de discursos e experiências. Esta, pode se referir ao potencial de conservar ou reter ideias previamente adquiridas, bem como a um processo ativo de construção simbólica e elaboração de significados no passado. É possível ainda se referir ao termo como uma dimensão que diz respeito tanto ao espaço privado quanto à vida pública e intersubjetiva (Bosi, 1994; Franco; Levin, 2007; Halbwachs, 2006). A noção admite ainda traçar uma articulação invariável entre o íntimo e o coletivo, à medida que os significados sedimentados na cultura interferem nas memórias.

Lugares da memória e dos sentidos preferenciais na recepção

O deslocamento da compreensão da recepção para além do ato momentâneo de consumo midiático não exclui a presença dos meios de comunicação, apenas os avalia como um dos elementos em jogo (Escosteguy; Jacks, 2005). Tratadas por uma perspectiva diacrônica, as produções de sentidos só podem ser inteligíveis se suas práticas produtivas e de recepção forem consideradas pelas marcas das trajetórias midiáticas, sociais, culturais e vivenciais dos sujeitos e grupos investigados (Bonin, 2013; John, 2014).

O interesse por consumir um produto midiático tem relação com a identificação de *sentidos preferenciais* — enquadramentos que um leitor emprega para se vincular a uma mensagem —, coincidentes ou não com as *leituras preferenciais*, uma sugestão de enquadramento que, quando bem-sucedida, se configura como o “ponto onde o poder atravessa o discurso” (Hall, 2003, p. 406). Tanto as leituras quanto os sentidos preferenciais estão vinculados a uma relação dialética que é, sobretudo, de interdependência entre produtores e público. Assim como há táticas de endereçamento das mensagens (Gomes, 2011) que orientam as leituras preferenciais, há também estratégias nas experiências de recepção relacionadas às competências culturais (Martín-Barbero, 2015). Sentidos e leituras preferenciais, portanto, ligam-se a comunidades de referência que auxiliam no entendimento, por concordância e discordância, do indivíduo de si e do mundo. Por isso, ainda que uma mensagem se ancore em valores hegemônicos, será sempre polissêmica.

Ao adotar uma perspectiva histórica, Bonin (2013) compreende que é preciso entender, entre outros fatores, como as competências midiáticas são cristalizadas na recepção a partir da trajetória estabelecida

com as narrativas midiáticas no cotidiano, assim como podem criar rupturas e deslocamentos na forma de pensar e agir do público. Por isso, ao lidar com a questão da memória nos estudos de recepção, é essencial considerar que uma das características da modernidade — com suas particularidades na América Latina (Canclini, 2019) — é o desencaixe espaço-temporal proporcionado pelas mídias e tecnologia (Giddens, 1991).³

Para compreender as transformações da memória, é necessário abordá-la em relação ao fenômeno da transformação da temporalidade social e da experiência do tempo, resultante da complexa intersecção entre mudança tecnológica, mídia e novos padrões de consumo, trabalho e mobilidade global (Bonin, 2006). Também é fundamental considerar a obsolescência planejada dos objetos pelo mercado e o enfraquecimento de indicadores de identidade, que muitas vezes acabam gerando sintomas de descontentamento cultural e um desejo irreprimível pelo passado (Martín-Barbero, 2018).

A memória é responsável por proporcionar que o indivíduo elabore e negocie os conteúdos midiáticos, a ponto de reconfigurar impressões, reconsiderar opiniões, produzir experiências, em outras palavras, transformar-se positiva ou negativamente. Logo, a memória precisa ser um referencial para quem se propõe a pensar em mediações, isso porque ela é um trabalho do presente e os textos não são exógenos aos leitores.

Além de entender que a mídia atua como um agente de configuração dos lugares de memória e de esquecimento (Bonin, 2006), nos componentes da memória midiaticizada também se articulam marcas coletivas e/ou individuais fabricadas em outros lugares, especialmente nas mediações culturais, “constituídas desde seu lugar social, dos contextos de seu mundo da vida e das redes de relações que aí se estabelecem” (Bonin, 2010, p. 4). Assim, um aspecto final em relação à recepção é que o procedimento não lança luz diretamente sobre fatos, mas permite rastrear as trajetórias das lembranças.

Diferente dos trabalhos apresentados por Bonin (2006; 2010; 2013), que tratam das *histórias de vida midiática* — apreensões das dimensões da vida dos sujeitos que permitam compreender sua relação com as mídias —, optou-se por adotar no presente estudo o termo *fragmentos biográficos*, entendido como um tipo de lembrança potencial e conscientemente acessível que, por ter gênese social, perpassa o outro. Isso garante que as *histórias de vida*, necessariamente articuladas a sistemas de identificação e representação, estejam vinculadas a eventos e experiências compartilhadas. Esses fragmentos, fundamentados no escopo teórico apresentado até aqui e em relatos despertados a partir da questão-chave da fase empírica dos dois estudos, também são importantes para pensar a articulação entre *sentidos preferenciais* e consumo de narrativas jornalísticas. Em especial, no caso deste estudo, quando se abordam notícias divulgadas via televisão e portais jornalísticos tradicionais e independentes. Tais pontos serão enfrentados no tópico final.

Procedimentos metodológicos

A postura centrada na fala dos sujeitos não é casual, como alertam Jacks e Escosteguy (2005, p. 93), pois “a reivindicação teórica de existência de ação no espaço da recepção exige no momento de reconstrução empírica dessa realidade uma opção metodológica que facilite o acesso a tal participação no processo de produção de sentido. A entrevista, a técnica mais flexível de coleta (Gil, 2008), fornece dados para a “compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos” (Gaskell, 2002, p. 65). Por meio dela, pesquisadores podem reestabelecer recortes, algo realizado neste texto a partir das duas teses de referência.

No primeiro caso (André, 2018), o estudo contemplou duas fases: a) análise de conteúdo de 80 edições dos noticiários *Balanço Geral e Tribuna da Massa*, de outubro a dezembro de 2017 (950 inserções

³ O valor à modernidade é acrescido na região pelos cruzamentos entre o moderno e o tradicional.

noticiosas); b) estudo de recepção com 18 telespectadores (setembro de 2018). O grupo é formado por pessoas que habitam uma das três regiões onde houve maior incidência de crimes analisados na primeira fase: os municípios metropolitanos São José dos Pinhais e Colombo, além da Cidade Industrial de Curitiba (CIC), bairro localizado na capital paranaense. O objetivo do estudo, elaborado a partir de entrevistas em profundidade, foi entender apropriações dos telejornais na vida cotidiana dos telespectadores. Para atingi-lo, as entrevistas foram divididas em três momentos. No primeiro, traçou-se um perfil dos participantes a partir de fragmentos biográficos ligados ao tempo de infância e juventude, bem como às vinculações com o bairro/região onde mora e com o mundo do trabalho. No segundo, o foco voltou-se aos hábitos de consumo midiático, com ênfase para a televisão (quais programas, independentemente do gênero, a pessoa acompanha, com quem assiste, em quais horários, etc.). Por fim, na terceira parte, foram exploradas, mediante confrontações entre os dois momentos precedentes, as visões de mundo do grupo, o que auxiliou para a validação das implicações da violência e, por complemento, das narrativas jornalísticas no cotidiano.

Já no segundo estudo (Winques, 2020), o objetivo foi entender como as mediações algorítmicas, presentes em plataformas como Facebook, Google, Instagram e outras, interferem na mediação e na recepção de notícias por integrantes Igreja Universal do Reino de Deus e do Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná (APP-Sindicato). A investigação partiu de instituições bem demarcadas, igreja e sindicato, e contemplou duas fases: a) aplicação de questionário para seleção de participantes da fase posterior; b) entrevistas em profundidade realizadas (de agosto a outubro de 2019) com 16 pessoas, sendo oito da esfera religiosa e oito da esfera sindical. O grupo de entrevistados também foi formado por pessoas que residem em Curitiba, sendo que boa parte reside no bairro estudado na primeira tese ou em bairros mais próximos ao centro da cidade. No caso das entrevistas, o roteiro foi dividido em oito partes. Nos dois primeiros momentos, buscou-se traçar um perfil dos participantes a partir de aspectos biográficos relacionados à infância, juventude, religião, educação e experiências no mundo do trabalho. Nos quatro seguintes, focou-se nos hábitos de consumo midiático, com destaque para as plataformas digitais utilizadas pelos entrevistados (incluindo sites jornalísticos e redes sociais), o nível de confiança nessas fontes, os tipos de conteúdos mais acessados e buscados, entre outros aspectos. Por fim, nas duas últimas partes, foram exploradas as visões de mundo do grupo em relação ao jornalismo, à desinformação e aos algoritmos, a partir da comparação com as informações coletadas nos momentos anteriores. Isso contribuiu para compreender as implicações das mediações algorítmicas e das narrativas jornalísticas na vida cotidiana dos participantes.

Considerando o contexto abordado, é relevante ressaltar que a primeira pesquisa foi conduzida pouco antes das eleições de 2018, período marcado pelo crescimento discursivo e narrativo de uma concepção conservadora, vinculada a um espectro político de extrema direita. Já a segunda, foi aplicada seis meses após o pleito que referendou eleitoralmente tal processo. O contexto em que os estudos foram realizados – notável pelas fases pré e pós-eleição, disseminação de boatos, polarização e uso de tecnologias de comunicação – é um aspecto significativo, especialmente pelos fragmentos biográficos que tangenciam a vida dos entrevistados (como família, trabalho e religião) e que têm implicações consideráveis em seu consumo de mídia.

Estes esclarecimentos são indispensáveis, pois o recorte dos participantes na primeira pesquisa foi feito a partir de dois noticiários criminais, e na segunda, a partir de professores sindicalizados e evangélicos neopentecostais que consomem informações em plataformas digitais.⁴ Apesar das diferenças entre os grupos e das questões realizadas ao longo das entrevistas buscarem respostas para objetivos próprios, o vínculo entre os autores permitiu a construção de uma questão-chave comum: Se tivesse que contar sua história de vida, sobre quem é desde as suas primeiras lembranças até o momento desta entrevista, o que deveríamos saber? Devido ao fato de a segunda pesquisa contemplar um grupo selecionado pelo prisma religioso, além da primeira pergunta, uma complementar, também presente em outro momento do questionário do primeiro estudo, foi inserida: Você

4 A escolha pela igreja se deu pela proeminência das discussões sobre religião e política durante a eleição e a decisão pelo sindicato se deu pelos debates sobre escola, ensino e ideologia durante o período.

segue alguma religião?

Com base nesse questionamento foi possível parametrizar as respostas ao reuni-las em um único documento e examiná-las por uma análise de conteúdo, método capaz de auxiliar na identificação das construções simbólicas e estratégias narrativas (Herscovitz, 2010). O Quadro 1 reúne o perfil socioeconômico dos 34 participantes. Os 18 primeiros integram o estudo de André (2018), os 16 últimos a pesquisa de Winques (2020):

Quadro 1 – Perfil socioeconômico dos entrevistados

Critério	Classificação	Entrevistados
Gênero	Masculino	P1, P3, P5, P7, P9, P11, P13, P15, P17, P19, P21, P23, P25, P27, P29, P31 e P33
	Feminino	P2, P4, P6, P8, P10, P12, P14, P16, P18, P20, P22, P24, P26, P28, P30, P32 e P34
Raça/etnia	Branca	P2, P3, P4, P5, P8, P9, P10, P11, P12, P14, P15, P16, P17, P20, P22, P24, P25, P26, P27, P28, P29, P30, P32 e P34
	Parda	P1, P6, P7, P13, P19, P21, P23, P31 e P33
	Preta	P18
Faixa etária	18 e 29 anos	P5, P11, P15, P16, P19, P20, P25 e P26
	30 e 39 anos	P14, P17, P23, P24, P29 e P33
	40 a 49 anos	P4, P5, P7, P8, P21, P27, P28, P30, P31 e P32
	50 a 59 anos	P2, P6, P13, P18, P22 e P34
	Mais de 60 anos	P1, P3, P9, P10 e P12
Grau de instrução (completo/ incompleto)	Fundamental	P1, P3, P5, P6, P8, P9, P10, P11, P13, P14, P18 e P22
	Médio	P2, P4, P7, P12, P17, P19, P21, P23 e P26
	Superior	P15, P16, P20, P25 e P28
	Pós-graduação	P24, P27, P29, P30, P31, P32, P33 e P34
Renda	Sem renda fixa	P4 e P14
	Até dois salários	P3, P6, P9, P11, P12, P15, P20 e P24
	2 a 4 salários	P2, P5, P10, P13, P16, P18, P19, P21, P22, P23, P25, P26, P31 e P33
	Mais de 5 salários	P1, P7, P8, P17, P27, P28, P29, P30, P32 e P34
Vínculo de trabalho	Desempregado	P4, P8, P14, P16, P22 e P26
	Aposentado/ pensionista	P1, P2, P3, P5, P6, P9, P10 e P12
	Mercado formal	P11, P13, P15, P17, P18, P19, P24, P27, P28, P29, P30, P31, P32, P33 e P34
	Mercado informal	P7, P20, P21, P23 e P25

Fonte: Elaboração dos autores (2024)

A análise a seguir está dividida em três subitens: a) família; b) trabalho; e c) religião. Esta forma organiza o texto, porém, durante as entrevistas, houve momentos de intersecção entre as comunidades de referência. As respostas de outras perguntas foram consideradas sempre que necessário para entender

como os sentidos preferenciais se consolidam na relação com a recepção.

Centra-se, por fim, na construção empírica de memórias que, para muito além de um ato individual, passam por dimensões sociais diversas. Por convenção, os fragmentos biográficos foram classificados em quatro tipos a partir de suas relações com as comunidades de referência, família, trabalho e religião: a) *associação espontânea*, quando determinada instituição foi acionada diretamente pelos entrevistados; b) *associação estimulada*, quando foi reconhecida a partir da intervenção dos pesquisadores; c) *dissociação espontânea*, quando foi preterida diretamente pelos entrevistados; e d) *dissociação estimulada*, quando foi rejeitada mesmo a partir da intervenção dos pesquisadores.

Construção de sentidos preferenciais via comunidades de referência

Os fragmentos biográficos das entrevistas foram reunidos e parametrizados para entender e evidenciar aspectos da experiência de vida daqueles que narram suas histórias e, em certa medida, tais narrações consolidam sentidos preferenciais na recepção midiática.

Família

Os fragmentos biográficos vinculados à família expostos nas entrevistas se deram por associação espontânea, ou seja, pela valorização de aspectos ligados a questões familiares, em três a cada quatro entrevistas.⁵ Os participantes tendem a destacar o enfrentamento e, em boa parte dos casos, a superação de questões ligadas à pobreza e à construção da honestidade. Com exceção de P28 (professora, 45 anos), que se dissociou dessa comunidade mesmo quando questionada, houve participantes que frisaram aspectos ligados ao mundo do trabalho, o que pôs em segundo plano questões familiares pelo enfoque espontâneo, mas não impediu que a instituição aparecesse por associação estimulada (P3, P6, P9, P16, P17, P19 e P31).

Um traço do primeiro estudo (André, 2018) é que os entrevistados possuem fortes vínculos com os noticiários, tanto em relação à *frequência* de consumo quanto ao *tempo* em que criaram o hábito de assisti-los. No primeiro caso, com exceção de P2 (pensionista, 53) e P16 (universitária, 19), o restante assiste a pelo menos um dos dois programas, no mínimo, três vezes por semana. Já no segundo ponto, P11 (serralheiro, 22) acompanha há menos de dois anos. P5, P7, P8, P15, P16 e P18 afirmam ver com frequência no período entre dois e cinco anos. Já P4, P12 e P17 acompanham os telejornais entre cinco e dez anos, enquanto P1, P2, P3, P6, P9, P10, P13 e P14 veem há mais de uma década.

O engajamento permite identificar com nitidez uma *comunidade de interpretação* — um grupo unido “por um âmbito de significação, do qual emerge uma significação especial para a sua atuação social” (Jacks, 1999, p. 60) — com densas similaridades entre leituras e sentidos preferenciais. Nela, os sentidos produzidos são hegemonicamente provenientes de mediações culturais relacionadas a uma perspectiva de *destruição familiar*, entendida pelos participantes como um arranjo que, idealmente, deveria ter uma lógica heteronormativa, ligada ao mundo do trabalho assalariado/braçal e a uma concepção cristã de religião. A prevalência desse modelo se relaciona diretamente às estratégias narrativas sugeridas e incorporadas pelos dois noticiários, identificadas na análise de conteúdo realizada na referida tese, o que demonstra uma estreita relação entre leituras e sentidos preferenciais no consumo dessas narrativas. Nesse contexto, o histórico de violações de direitos fundamentais, somado ao denso consumo dos noticiários estudados, proporcionou o acionamento, durante as entrevistas, de fragmentos biográficos que denotam algo que vai muito além da sensação de insegurança: remetem a uma memória coletiva

⁵ P1, P2, P4, P5, P7, P8, P10, P11, P12, P13, P14, P15, P18, P19, P21, P22, P23, P24, P25, P26, P27, P29, P30, P32, P33 e P34.

pautada pelo senso de impunidade ao qual as representações hegemônicas de família são tributárias.

A título de exemplificação, uma a cada dez inserções noticiosas sobre crimes nos telejornais reúne vítimas e agressores relacionados ao núcleo familiar. Os diálogos com a noção de família, todavia, são ainda mais constantes. Quanto mais uma notícia se aproxima de uma percepção de *crise* nessa instituição, mais aumentam as chances de veiculação. Dentro dessa densa economia estética das narrativas de cunho sensacionalista, os crimes, por vezes, perdem protagonismo frente às queixas morais sobre a decadência de um modelo familiar tido como hegemônico, aspecto amplamente identificado no estudo de recepção e explorado em trabalho anterior (André, 2018).

Na segunda pesquisa (Winques, 2020), a dimensão família no grupo de evangélicos neopentecostais é um marco que permeia mudanças de cidade, modos de enxergar o mundo e é a base para a *moral e o bom comportamento*. A partir de uma associação espontânea, a família é a referência para a sequência nos estudos (P20); vida digna por meio do trabalho (P20 e P21); afastamento das drogas (P23) e do mundo do crime (P25); ingresso no ensino superior (P20 e P24); e para promover um ambiente de amor (P25 e P26). Já a partir da pergunta sobre religião, que levou a respostas de associação estimulada, a família é a principal fonte para o estabelecimento de relações espirituais (P19, P20, P22, P23, P25 e P26).

Os sentidos preferenciais na relação entre mídia e família entre os evangélicos aparecem especialmente nas escolhas de páginas nas redes sociais e programas de televisão. P20 (costureira, 28), por exemplo, segue a página do portal *Banda B* no Facebook, porque cresceu ouvindo a emissora de rádio do mesmo grupo de comunicação com a mãe. P21 (pintor autônomo, 44), por sua vez, segue a *Record News* no Facebook e assiste aos vídeos do portal no YouTube. A escolha se deve aos dirigentes vinculados à Igreja Universal: “A gente sabe que a igreja tem uma postura relacionada à família. São certas, sérias, elas têm um caráter” (P21). Na relação com as plataformas digitais, a família está presente nas redes sociais de todos os participantes e, no caso do WhatsApp, a maioria dos entrevistados (P19, P20, P23, P25 e P26) traça um vínculo com a família nos grupos do aplicativo.

No caso dos professores sindicalizados, a família é parte importante do acesso à educação. P32 (socióloga, 48) citou de modo espontâneo no começo da entrevista o papel da família e da leitura na sua formação: “Eu gostava muito de estudar, com a influência das minhas irmãs mais velhas”. Outra passagem também remete aos temas: “Meu pai sempre lia o jornal perto de mim” (P32). Dois entrevistados (P30 e P34) traçam percursos similares e espontâneos ao remeterem o papel da família no processo educacional, aspecto que não pode ser desvinculado da profissão. Histórias ligadas a uma vida tranquila devido à configuração familiar (P27, P29, P30 e P32), ao casamento e aos filhos (P30 e P34) também foram destaques espontâneos. Uma professora (P31) cita a família a partir de uma associação estimulada, mas outra (P28) refuta vínculos com esta instituição a partir de uma dissociação estimulada. Na pergunta sobre a história de vida, ela não fez nenhuma menção à família. Ao ser questionada sobre o significado dessa instituição, mencionou que família se constrói por proximidade, “não aquilo de mãe, casada com filhos, não, para mim é quem está próximo. Não precisa ser de sangue” (P28). Apesar de a família aparecer de maneira proeminente nas histórias de vida dos professores, o vínculo com a educação e a profissão recebe maior protagonismo na relação com as mídias — como será visto abaixo.

Trabalho

Os fragmentos biográficos vinculados ao trabalho, em geral, são complementares à família nas duas pesquisas, o que explica a proporção de associações espontâneas em quatro a cada cinco entrevistas.⁶ A valorização do esforço ao trabalho, quase sempre como uma alternativa para o provimento familiar, é um imperativo nas comunidades de interpretação, por isso, os demais participantes estabeleceram

6 P3, P4, P5, P6, P7, P8, P9, P10, P13, P14, P15, P16, P17, P18, P19, P20, P21, P22, P23, P24, P25, P26, P27, P28, P29, P30, P31, P32, P33 e P34.

associações estimuladas com a comunidade de referência (P1, P2, P11, P12 e P19), e esse fator aparece com relativa naturalidade já na apresentação dos fragmentos biográficos. Por tratar de um grupo formado majoritariamente por sujeitos com histórico de violação no acesso à cidadania e/ou que encontraram na profissão um espaço de ascensão social, os respondentes produzem sentidos preferenciais em relação ao mundo do trabalho, ainda que haja divergência entre o tipo de ofício valorizado em cada pesquisa: no primeiro estudo há destaque a operações braçais; no segundo, especificamente com os professores, há valorização de atividades intelectuais.

Na análise de conteúdo de 80 edições dos dois noticiários criminais que precedeu a pesquisa de recepção do primeiro estudo, não há, em 950 inserções, nenhuma notícia que discuta a temática da segurança pública vinculada ao acesso à educação, e esse aspecto é central ao se observar que o público é majoritariamente desvinculado da instituição escolar. A título de curiosidade, conforme o Quadro 1, nove em cada dez pessoas que participaram da primeira pesquisa (de P1 a P18) concluíram, no máximo, o ensino médio.

Narrativamente nos programas, o perfil dos agressores está quase sempre desvincilhado do setor produtivo, como se o contexto de segurança pública fosse restrito a ações individuais e desconexas. Como grande parte dos participantes do estudo teve baixo ou nenhum acesso à educação formal e se vinculava ao mercado de trabalho informalmente, as leituras preferenciais que versam sobre esforço das vítimas, frequentemente circunscritas por uma moral do trabalho, produzem sentidos preferenciais, outra vez, com um núcleo muito denso dentro da comunidade de interpretação estudada. A educação, para o grupo, por não se tratar de uma comunidade de referência, fica relegada a segundo plano.

P5 (chaveiro, 47), que só começou a estudar formalmente aos 14 anos, cita que foi alfabetizado em casa pela mãe com o objetivo de usar a expertise no expediente. Quando criança, ele afirma que “já sabia ler, escrever, já ia vender as galinhas, já sabia fazer as contas”. Ação similar tem P7 (vigilante de escolta armada, 40), quando lembra da infância: “Hoje, se uma criança trabalhar, o pai é punido, né? E nós não. A gente se encontrava, vários amigos, ia colher café”. Já P9 (caminhoneiro aposentado, 66) diz que “no meu tempo, se você soubesse trabalhar, era o suficiente”, enquanto P1 (policial militar aposentado, 60) romantiza o trabalho precário da adolescência logo após pintar o cenário atual da juventude como “perdida”, algo que entra em consonância com as leituras preferenciais sugeridas pelos telejornais a que ele assiste: “Eu saía do colégio e ia vender picolé — durante o verão né? — e quando ‘tava’ frio, pegava um carrinho e ia vender frutas e verduras”.

Na segunda pesquisa, o trabalho e sua conexão com a família apareceu de maneira espontânea nas entrevistas com o grupo de evangélicos: “Sou filha de agricultores” (P20); “desde criança eu trabalhava escondido da minha mãe” (P21); “Meu pai trabalhava [...], então a gente tinha uma vida estável” (P22); “Meu pai era caminhoneiro” (P23); “Eu me lembro da minha mãe trabalhando muito para nos sustentar” (P24); “A minha mãe trabalha em uma empresa, está há 20 anos” (P26). Assim como na primeira pesquisa, para este grupo, o trabalho é uma comunidade de referência, é um modo de ganhar a vida e conquistar dignidade. P20 (costureira, 28) recorda que sempre quis ter o próprio dinheiro, sem dependência dos pais. Por isso, todos os cursos que fez, nas palavras dela, pagou “com o suor do meu trabalho” (P20). No caso das plataformas digitais, P19 (estudante de Tecnologia da Informação, 19) assiste a vídeos no YouTube — sobre a área de formação — e utiliza o LinkedIn para ler informações do mundo corporativo. P21 (pintor autônomo, 44) tem preferência por ler e curtir páginas com temas relacionados à pintura e decoração — são esses grupos que o participante mais frequenta no Facebook. Dois citam a presença de colegas de trabalho (P19 e P22) nas redes sociais. Já nos grupos de WhatsApp, o trabalho é importante para três (P23, P24 e P25).

No caso dos professores, a escola e o trabalho representam as instituições mais fortes, porque essas dimensões aparecem por associação espontânea nos fragmentos biográficos. P31 (licenciado em

Biologia, 47), por exemplo, traça já no início da entrevista sua proximidade com a escola: “Sou aluno daqui, fui da primeira turma que se formou. Daí fui e voltei e agora estou como professor”. Assim, a dimensão trabalho e sua relação com a profissão ganham contornos bem evidentes neste grupo — algo esperado dado o recorte. P27, P28, P29, P30, P32, P33 e P34 também traçam suas biografias com a escola/formação. P27 lembra-se de ter trabalhado como publicitário antes de ser professor; P28 escolheu ser docente pela curiosidade despertada na escola; P29, de imediato, cita ser professor de filosofia; P30 e P34 lembram-se do esforço de conciliar trabalho e estudo quando estavam no ensino superior. P32 (socióloga, 48) relaciona educação e trabalho: “Fiz graduação, mestrado, doutorado. Se fosse dizer uma ‘marca’ minha, seria a importância do estudo na trajetória de um indivíduo”. P33 ressalta que sua vida foi transformada ao se tornar educador. Sobre o sindicato, todos revelam participar das ações, percepção por associação estimulada construída a partir de perguntas sobre a participação na entidade. Em relação ao tempo de atuação, seis participam há mais de dez anos (P27, P28, P29, P30, P31 e P33), um faz parte entre três e cinco anos (P34) e uma está há um ano (P32).

O vínculo com o sindicato e com a atuação profissional leva este grupo a consumir ou a dar preferência ao acesso de conteúdos em mídias independentes, como o curitibano Plural (E27 e E29), e aos sites com uma linha editorial transparente em relação ao posicionamento político-partidário, tais como Revista Fórum, CartaCapital, Pragmatismo Político, Mídia Ninja, Brasil de Fato e Brasil 247 (P28, P29, P30, P32 e P34). P34 (pedagoga, 54) destaca que gosta da CartaCapital e do Pragmatismo Político “porque eles trazem o jornalismo sério, mostrando as coisas do ponto de vista dos direitos humanos”. As redes sociais, nesta dimensão preferencial, são formadas por membros do sindicato (P28, P30 e P34), colegas de trabalho (P29, P32 e P34), pessoas da Central Única dos Trabalhadores (P28), da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (P28) e do Partido dos Trabalhadores (P30). A maioria dos grupos de WhatsApp está relacionada à escola (P27, P29, P31, P32, P33 e P34), à universidade (P27 e P29), aos movimentos sociais (P27, P28 e P34) e ao sindicato (P28, P29, P30 e P33).

Religião

Ao contrário das duas primeiras comunidades de referência, os fragmentos biográficos vinculados à religião expostos se dão majoritariamente por associação estimulada, isto é, pela valorização de aspectos ligados às crenças a partir do questionamento dos pesquisadores, algo que ocorre em três a cada cinco entrevistas.⁷ Devido à participação de ateus/agnósticos (P27, P29 e P33) e católicos não praticantes (P1, P3, P4, P7, P12, P28, P30 e P32), esta comunidade de referência reúne dissociações estimuladas (P1, P3, P27, P28, P29, P30, P32, P33), ou seja, foi rejeitada mesmo após a interlocução.

Nesse raciocínio, ainda que significativa, a religião se configura como a comunidade de referência mais fraca entre as três, o que pode ocorrer devido ao emergente crescimento das igrejas evangélicas neopentecostais no país, que produzem uma temporalidade social de memória mais recente quando comparada com as comunidades de referência precedentes. Em 1991, 9% da população se declarava evangélica (Mariani; Ducroquet, 2017). No Censo Demográfico (Brasil, 2010), os evangélicos representavam 22% dos brasileiros — 65% eram católicos e 13% outros. Em 2023, um a cada três brasileiros se identificava como evangélico (Jornal da USP, 2023).

Na primeira tese, apareceram três casos específicos de pessoas ligadas à religião que não frequentam igrejas, mas que têm a religião como importante comunidade de referência: P10 (costureira, 57) tem uma rotina de labor entre sete horas da manhã e dez da noite, além de trabalhar nos finais de semana, o que nas palavras dela, a impede de ir à igreja. “Ele [Deus] levou meu marido — até hoje dói —, mas Ele ajudou a criar meus filhos”. Já P6 e P14 não frequentam templos por problemas de saúde. A

7 P2, P5, P6, P7, P8, P9, P10, P11, P13, P14, P16, P17, P18, P19, P20, P21, P22, P23, P25, P26, P31 e P34.

primeira é cadeirante há uma década, e a segunda faz tratamento contra um câncer e quase não consegue sair de casa.

Sobre os sentidos produzidos na primeira pesquisa, a matriz religiosa, vinculada à família, foi citada a partir de uma associação estimulada em questões vinculadas à legalização do aborto e à união homoafetiva. Porém, não foi possível perceber, para além de uma concepção de família baseada em uma lógica heteronormativa de núcleo paternalista, vínculos mais explícitos entre leituras e sentidos preferenciais para o recorte religioso.

Na segunda pesquisa, a Igreja Universal representa no grupo de evangélicos o espaço onde os entrevistados são unidos por um mesmo âmbito de significação. Todos, ao responderem de forma estimulada às perguntas sobre religião e igreja, revelam frequentar semanalmente os encontros. Sobre o tempo de participação, quatro participam há mais de dez anos (P21, P22, P23 e P25), dois entre três e cinco (P24 e P26), um está há dois (P19) e uma está há menos de um ano (P20). Assim, percebe-se um processo de ritualidade no ato de participar sempre, que representa os modos de existência do simbólico e uma repetição que permite entrever a cotidianidade (Martín-Barbero, 2015). A relação com a rotina fica evidente na fala estimulada de P21. Para o entrevistado, ir à igreja é “o mesmo momento de você ir tomar seu banho, tomar seu café, almoçar, jantar e dormir” (P21). A importância da igreja também é refletida na fé, a partir de associações estimuladas: as leis divinas devem ser respeitadas (P20); Deus e a Igreja são a cura para doenças (P22), maldições (P20) e coisas sobrenaturais (P24). Fé e família também se misturam. P23 e P26 lembram que, ainda na infância, foram responsáveis por levar familiares para a igreja. Já P20, P24 e P26 procuraram a instituição devido a problemas em casa.

Em relação às mídias, P20 revela que desde que começou a frequentar a igreja, há menos de um ano, começou a acompanhar a Rede Record. Sobre as telenovelas religiosas transmitidas pela emissora, avalia: “Antes eu achava um lixo. Agora eu vou assistir, porque comecei a ver outro sentido” (grifo nosso). A partir da instituição religiosa, a participante gerou novos significados sobre o canal de televisão. Com exceção de P3 — que diz não ver TV — e de P6, todos os outros entrevistados revelam assistir a programas e jornais da Rede Record (P19, P20, P22, P23, P25 e P26), o que demonstra convergência entre comunidade de referência, leituras e sentidos preferenciais. A empresa pertence ao fundador e líder da Igreja Universal, Edir Macedo. Assim, grande parte dos entrevistados responde às leituras preferenciais advindas, sobretudo, dos meios ligados à igreja a qual frequentam — nem sempre de maneira consciente. P25 (analista de Logística, 24) lembra que lê notícias em geral no site “da Igreja Universal, [já] que eles têm o site da Folha Universal, que é só notícia, [e] *não tem nada a ver com a Igreja*” (grifo nosso). Os sites mais citados também possuem ligação com a instituição, tais como os portais R7 (P19, P20, P21 e P26), Record News (P19 e P21) e Folha Universal (P25). Nas redes sociais, membros da organização são importantes para quase todos (P20, P21, P22, P23, P24, P25 e P26), o que também se aplica aos grupos de WhatsApp (P19, P20, P21, P22, P24, P25 e P26).

A religião, contudo, não pode ser considerada como uma comunidade de referência no grupo de professores. Apenas dois relataram ter um vínculo mais próximo com alguma instituição religiosa por associação estimulada (P31 e P34). P31 afirma ser cristão e frequentar às terças-feiras, quintas e sábados uma igreja. Para o professor, a religião preenche a parte espiritual. P34 sinaliza ser evangélica desde os 15 anos, porém, não tem frequentado nenhum templo. P28, P30 e P32 revelam que acreditam em um ser superior, mas são católicas não praticantes devido a decepções com a igreja. Por exemplo, P28 revela que em “2015 ou 2016 eu fui me decepcionando com a questão da igreja. Não só os evangélicos, mas a católica também, sabe? Comecei a ver umas coisas que não quero compactuar” (P28). Já P27, P29 e P33 se dissociam de maneira estimulada da religião.

Considerações finais

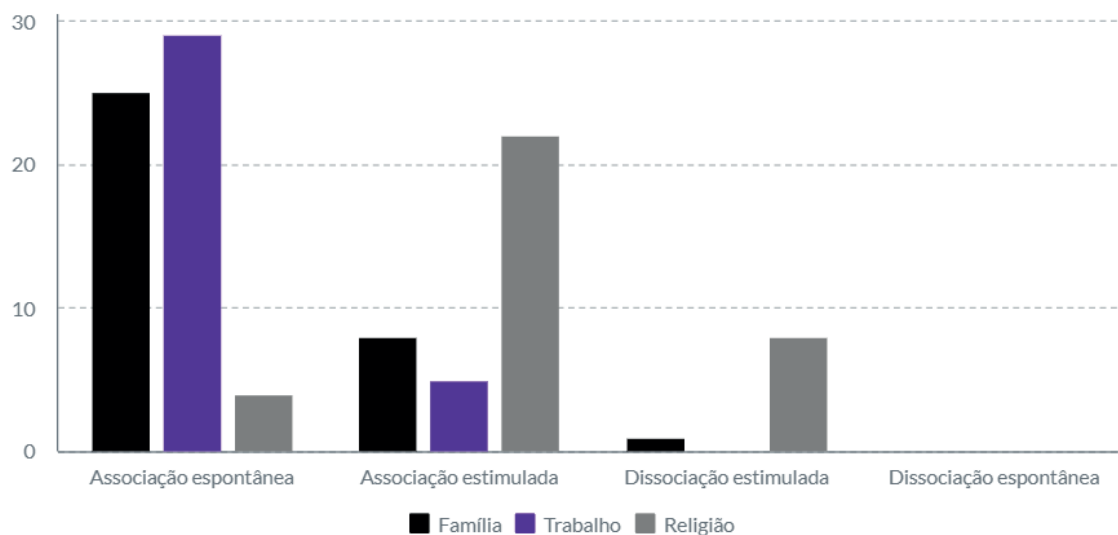
Investigações científicas no âmbito da recepção podem proporcionar olhares que se distanciam de perspectivas midiacêntricas que, com raras exceções, costumam omitir o papel do público quando o assunto são as narrativas jornalísticas. Articular o consumo jornalístico aos âmbitos da vida cotidiana é uma estratégia que pode auxiliar boas iniciativas jornalísticas a criarem processos de identificação com as audiências, algo que pode contribuir para o próprio enfrentamento ao fenômeno recente de desordem informativa (Wardle; Derakhshan, 2017).

Nesse sentido, o presente artigo buscou compreender a força das instituições família, trabalho e religião na identificação de sentidos preferenciais na recepção de narrativas jornalísticas. Por meio de fragmentos biográficos extraídos de uma questão sobre história de vida existente nas duas teses que serviram de base para este artigo (André, 2018; Winques, 2020), buscou-se discutir a relevância das três instituições no cotidiano de 34 participantes.

Apesar de a pergunta sobre a história de vida não ter sido pautada por métodos ligados à psicologia, à sociologia ou a técnicas da história oral, os discursos produzidos permitem conhecer os caminhos percorridos pelos entrevistados, a historicidade e ainda a forma como o passado se faz presente a partir dos fragmentos biográficos.

Como resultado, observa-se que, por *associação espontânea*, 25 entrevistados citam a família, 29 o trabalho e apenas quatro a religião. Já por *associação estimulada*, oito mencionam a família, cinco o trabalho e 22 a religião. No que tange à *dissociação estimulada*, um repudia a família e oito a religião. Já no caso da *dissociação espontânea*, o resultado zero ratifica a percepção de que as comunidades são convencionadas na formação discursiva, na forma de se posicionar frente ao mundo. O Gráfico 1 reúne os resultados:

Gráfico 1 – Acionamentos das comunidades de referência pelos participantes das duas pesquisas



Fonte: Elaboração dos autores (2024)

As vivências narradas são indissociáveis das tessituras simbólicas. E é no simbólico que se inscrevem a família, o trabalho e a religião. Os dados coletados revelam que as comunidades de referência estudadas, embora não sejam as únicas, estão implicadas, em maior ou menor grau, na produção de marcas de memórias dos entrevistados. Essa questão fica evidente desde o primeiro questionamento

que orientou este artigo até as perguntas subsequentes. No caso das memórias referentes às narrativas jornalísticas, um aspecto relevante é que as lembranças, em geral, evocam singularidades episódicas ou acontecimentos particulares que, de alguma forma, se entrelaçam com os sentidos preferenciais fundamentados, sobretudo, pela família e pelo trabalho.

No caso da primeira instituição, parece haver cabimento, à medida que se trata, via de regra, da instituição na qual se inicia o processo de socialização, ainda que as leituras preferenciais (Hall, 2003) identificadas no primeiro estudo (André, 2018) apontem para uma espécie de crise no modelo heteronormativo idealizado como hegemônico. A sobreposição de associações espontâneas relativas ao trabalho, contudo, pode revelar facetas oportunas — inclusive que podem ser desdobradas em novas pesquisas. Em uma sociedade marcada por uma percepção escassa de cidadania (Souza, 2018) e na qual a moral do trabalho se vincula à noção de *caráter* (Sennett, 2003), a quimera de ascensão por meio do acesso a bens manufaturados (via consumo, em palavras mais diretas e, portanto, vinculada ao campo produtivo) naturaliza não só a ideologia do capital, mas também a aceitação tácita das desigualdades sociais e a possibilidade de ascensão de representações sociais que idealizam o indivíduo e, por conseguinte, o mérito.

Percebe-se ainda que a temporalidade social é um fator notável, em especial, na dimensão religiosa. Um exemplo emblemático pode ser extraído de fragmentos biográficos apresentados por P20 (costureira, 28): embora devota da igreja há menos de um ano, ela é uma das entrevistadas que mais produziu sentidos preferenciais em relação aos meios de comunicação vinculados à Igreja Universal. Assim, no que tange aos sentidos preferenciais, que de certa forma constroem visões que buscam o viés da confirmação a partir de sentidos produzidos cotidianamente, é possível considerar que eles se alimentam de fragmentos biográficos do passado (longínquo e recente) e do presente.

Em última análise, embora as duas pesquisas analisem objetos distintos, foi possível identificar que os sentidos preferenciais se materializam conforme experiências, relações cotidianas e consumos midiáticos. É possível considerar que o trabalho fornece elementos metodológicos que auxiliam na identificação das comunidades de referência, que podem ser úteis para identificar/problematizar o que, por vezes, é omitido pelos participantes — crítica tão recorrente à metodologia da entrevista. Além disso, as categorias utilizadas na parametrização das pesquisas — *associação espontânea, associação estimulada, dissociação estimulada e dissociação espontânea* — auxiliam na identificação da densidade dos sentidos preferenciais na construção dos relatos biográficos.

Referências

ANDRÉ, Hendryó. “**Violência fascinante em vidas tão normais**”: relações de estigmatização e invisibilidade social na recepção de noticiários criminais. 2018. 528 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

ANDRÉ, Hendryó; VOGEL, Daisy Irmgard. Moral da casa: o papel da instituição família nas produções de sentidos em noticiários criminais. In: 29º ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. **Anais**. UFMS, Campo Grande, 2020.

BONIN, Jiani Adriana. Investigando memórias midiáticas: questões metodológicas, pistas e constatações. **Anais do 19º Encontro Anual da Compós**, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2010.

BONIN, Jiani Adriana. Mídia e memórias: delineamentos para investigar palimpsestos midiáticos de memória étnica na recepção. **Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos**, v. 8, n. 2, p. 133-143, maio/ago. 2006.

BONIN, Jiani Adriana. Notas metodológicas relativas à pesquisa de recepção midiática. **Anais do 22º Encontro Anual da Compós**, Universidade Federal da Bahia, Salvador, dias de 2013.

- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças dos velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL. Censo Demográfico. População residente por religião. **IBGE**. 2010. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/137>. Acesso em: 29 dez. 2019.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. 4 ed. São Paulo: Edusp, 2019.
- ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damboriarena; JACKS, Nilda. **Comunicação e recepção**. São Paulo: Hackers Editores, 2005.
- FRANCO, Marina; LEVIN, Florencia. El pasado cercano en clave historiográfica. In: LEVIN, Florencia; FRANCO, Marina (Orgs.). **Historia reciente**: perspectivas y desafíos para un campo en construcción. Buenos Aires: Paidós, 2007. pp 1-18.
- GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin; GASKELL, Gerge (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002. pp. 64-89.
- GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Ed. Unesp, 1991.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo, Atlas, 2008.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.
- GOMES, Itania Maria Mota. Metodologia de Análise de Telejornalismo. In: GOMES, Itania Maria Mota. (Org.). **Gênero televisivo e modos de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: Edufba, 2011. p. 17-47.
- GÓMEZ, Guilherme Orozco. O telespectador frente à televisão. Uma exploração do processo de recepção televisiva. **Communicare**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 27-42, 2005.
- GUERIN, Yhevelin Serrano. **Trajetória dos receptores**: histórias de vida e resgate das mediações. 2000. 135 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) –Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2000.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- HERSCOVITZ, Heloiza Golbspan. Análise de conteúdo em jornalismo. In: LAGO, Claudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. ed. 3. Petrópolis: Vozes, 2010. pp. 123-142.
- JACKS, Nilda. **Querência**: cultura regional como mediação simbólica – um estudo de recepção. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.
- JOHN, Valquiria Michela. **Mundos possíveis e telenovela**: memórias e narrativas melodramáticas de mulheres encarceradas. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.
- UM em cada três adultos no Brasil se identifica como evangélico. **Jornal da USP**, São Paulo, 15 abr. 2023. Disponível em: <https://bit.ly/3Uh2Frr>. Acesso em: 17 abr. 2024.
- MARIANI, Daniel; DUCROQUET, Simon. A expansão evangélica no Brasil em 26 anos. **Nexo**, 6 nov. 2017. Disponível em: <https://bit.ly/2Z6gvPo>. Acesso em: 18 dez. 2019.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. 7. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2015.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: 3 introduções. **MATRIZES**, São Paulo, v. 12, n. 1, 2018. p. 9-31.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SOUZA, Jessé. **Subcidadania brasileira: para entender o país além do jeitinho brasileiro**. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.

WARDLE, Claire; DERAHSHAN, Hossein. **Information disorder: toward an interdisciplinary framework for research and policy making**. Estrasburgo: Council of Europe, 2017. Disponível em: <https://bit.ly/3qm8lyK>. Acesso em: 17 abr. 2024.

WINQUES, Kérley. **Mediações algorítmicas e espiral do silêncio: as dimensões estruturantes igreja e sindicato na recepção de conteúdos noticiosos em plataformas digitais**. 2020. 405 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-graduação em Jornalismo, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

WOODWARD, kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, kathryn. (Orgs.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-72.

Kérley Winkes é doutora e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGJOR/UFSC). Professora na Faculdade de Comunicação (FACOM/UFJF) e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF). Neste artigo, contribuiu com a concepção do desenho da pesquisa, desenvolvimento da discussão teórica, interpretação dos dados, apoio na revisão de texto e redação do manuscrito.

Hendry Anderson André é doutor em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), mestre em Comunicação e Sociedade pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), bolsista de pós-doutorado (PNPD/Capes) do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) e professor do curso de Jornalismo da Faculdade Ielusc. Neste artigo, contribuiu com a concepção do desenho da pesquisa, desenvolvimento da discussão teórica, interpretação dos dados, apoio na revisão de texto e redação do manuscrito.